



Relações de saber/poder no discurso de trabalhadoras cooperadas: relato do percurso metodológico

*Relations of knowledge/power in the discourse of female cooperative workers:
a report of the methodological approach*

Scheila Girelli^[a], Maria Chalfin Coutinho^[b], Kleber Prado Filho^[c]

Resumo

A produção do conhecimento no campo das Ciências Humanas e Sociais possibilita (re)construções teórico-metodológicas, considerando as diferentes visões de mundo que permeiam a relação entre os sujeitos. No que se refere às experiências relacionadas ao “mundo do trabalho”, as práticas ligadas ao movimento de economia solidária têm ganhado destaque, sendo alvo de constantes estudos. Dada sua heterogeneidade, desenvolveu-se uma pesquisa com o objetivo de compreender como se constroem as relações de saber/poder em uma cooperativa de costureiras inserida nesse movimento. Fruto do estudo, o presente artigo pretende apontar algumas reflexões sobre as possibilidades de o caminho metodológico adotado se constituir como uma estratégia qualitativa de pesquisa. Foram utilizados como procedimentos de pesquisa a observação participante ao cotidiano de trabalho, com registro em diário de campo, e a realização de grupos focais, a partir da fotografia. Os discursos das trabalhadoras foram analisados com base na Análise de Discurso. Como resultado, constatou-se que as relações cotidianas de trabalho são construídas num constante jogo de forças e contradições, revelando-se como um emaranhado de situações que vinculam, simultaneamente, formas de sujeição e laços afetivos. Estes garantem não só novos modos de gestão do trabalho que se aproximam da economia solidária, mas também a manutenção de velhas práticas enraizadas ao capitalismo. Conclui-se que, no percurso da investigação, o arsenal metodológico adotado constituiu-se como um valioso instrumento de pesquisa, capaz de possibilitar a compreensão do conjunto de enunciados presentes no discurso das trabalhadoras, considerando suas condições de produção.

Palavras-chave: Método. Relações de saber/poder. Economia solidária.

Abstract

The production of knowledge in the field of Humanities and Social Sciences enables theoretical-methodological (re)constructions, considering the different world views that permeate the relationship between subjects. With regard to experiences related to the “world of work”, the practices related to the solidary economy movement have gained prominence, being the target of constant studies. Given its heterogeneity, a survey was developed in order to understand how relationships

^[a] Mestre em Psicologia, professora da área de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ, Chapecó (SC), Brasil, e-mail: scheilapsique@yahoo.com.br.

^[b] Doutora em Ciências Sociais e pós-doutora em Psicologia Social, professora do departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), Brasil, e-mail: maria.chalfin@ufsc.br

^[c] Doutor em Sociologia, professor do departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), Brasil, e-mail: kleberprado.psi@gmail.com

O presente artigo aponta algumas reflexões sobre o caminho metodológico adotado na pesquisa de mestrado da primeira autora, desenvolvida sob a orientação e coorientação dos autores posteriormente mencionados. A referência da obra completa está disponível para consulta ao final do texto.

[MANTER ESSE TEXTO?]

Recebido: 26/06/2013
Received: 06/26/2013

Aprovado: 09/09/2013
Approved: 09/09/2013

of knowledge/power are built in a cooperative of seamstresses inserted in this movement. As a result of the study, this article intends to point out some reflections on the possibilities of the methodological approach adopted to constitute a qualitative research strategy. Participative observation of the daily work, with record in a field journal, as well as conducting focus groups, using photography, were used as research procedures. The speeches of the workers were analyzed based on Discourse Analysis. As a result, it was found that the daily working relationships are constructed in a constant game of power and contradictions, revealing itself as a tangle of situations that bind forms of subjection and emotional ties simultaneously. These not only ensure new methods of managing work that approach solidary economy, but also the maintenance of old practices rooted in capitalism. We concluded that, in investigation process, the adopted methodological arsenal was established as a valuable research tool, capable of allowing a better understanding of the set of statements present in the discourse of workers, considering its production conditions.

Keywords: *Method. Relations of knowledge/power. Solidary economy.*

Introdução

Traçar um roteiro para apreensão da realidade, não significa adotar critérios universais de verdade que tenham a preocupação exclusiva com o que é linear, regular. Muito pelo contrário, a produção de conhecimento no campo das Ciências Sociais e Humanas exige o reconhecimento das infinitas variações dentro de um campo de possibilidades, potencializando a inclusão da indeterminação dos fatos, da emergência do inesperado e, acima de tudo, da adoção de uma concepção de campo fluido e plural em suas manifestações.

A economia solidária (ES) inclui-se nesta esfera. Mais do que uma iniciativa de superação ao quadro político/econômico que se apresentava no final do século XX, a economia solidária representa, especialmente na ótica de seus idealizadores, um “modo alternativo” que desafia a lógica hegemônica do capital, propondo novos modos de produzir e distribuir a riqueza, consumir, de se relacionar com os homens e com a natureza. Paul Singer (2002) destaca a vinculação dos empreendimentos que têm como base a ES com os princípios do cooperativismo, se constituindo, fundamentalmente, como organizações dentro das quais são esperadas relações de igualdade, colaboração e preocupação com o bem-estar do ser humano como valor essencial.

De outro lado, embora reconheçam que as atividades próprias da economia solidária sejam dotadas de um sentido social, autores como Antunes (2007) e Santos e Rodríguez (2002) apontam diversas dificuldades enfrentadas pelas organizações ligadas

ao movimento de ES, seja para se constituírem e se fortalecerem numa esfera econômica pautada pela lógica de mercado, seja para se manterem fiéis aos valores que regem o cooperativismo.

As diferentes visões apresentadas sobre o potencial da ES revelam que não há nem uma total descontinuidade, mas também nenhuma homogeneidade entre o modelo ideal proposto e a realidade de cada empreendimento. Pode-se afirmar, portanto, que a economia solidária se produz na constante interação dos participantes entre si e, ao mesmo tempo, com o contexto no qual estão inseridos e com relações sociais mais amplas. Este cenário revela que fazer parte do movimento de ES não implica, necessariamente, na apropriação de seus princípios no fazer cotidiano, o que pode revelar algumas contradições.

Tais considerações tornam as práticas cooperativas ligadas ao movimento de economia solidária alvo de constantes debates e estudos. Dada a heterogeneidade destas experiências e a impossibilidade de compreendê-las fora de sua realidade concreta, estudos na área das Ciências Humanas, em especial da Psicologia, têm buscado diferentes estratégias teórico-metodológicas para apreender as complexas relações e as dimensões subjetivas construídas no contexto de trabalho cooperativo. Como exemplo, podemos citar as pesquisas de Coutinho (2006), Oliveira (2007), Dal Magro e Coutinho (2008), Lourenço (2008, 2010), dentre outros.

Considerando esse contexto, o artigo pretende refletir sobre o percurso metodológico adotado na compreensão das relações cotidianas de saber/

poder numa cooperativa inserida no movimento de economia solidária, observando, a partir do referencial foucaultiano, como estas relações circulam, se sustentam e, pela incitação recíproca, engendram modos de subjetivação. Tomando como base a perspectiva de Iñiguez (2005), adotou-se a Análise do Discurso (AD) como método de análise das informações. Por meio deste, o enunciado e seus jogos de produção - de que forma e sob quais condições de possibilidade ele emerge no campo discursivo - tomam um lugar privilegiado na compreensão do objeto de pesquisa.

O presente artigo foi organizado em três partes: a Análise do Discurso como estratégia de investigação; o percurso metodológico, em que são expostos os procedimentos de busca de informações e o processo de análise dos discursos; e a emergência das relações de saber/poder no discurso das cooperadas. Depois, nas considerações finais, são apontadas algumas reflexões sobre as possibilidades do caminho metodológico adotado se constituir como uma estratégia qualitativa de pesquisa.

A Análise do Discurso como estratégia de investigação

Optou-se neste estudo em caminhar por uma definição aproximada de “discurso” e de “análise de discurso”, pautando-se em premissas que sustentam fundamentos nas diferentes tradições teórico-metodológicas sobre esta temática. Esse aspecto se justifica pelo fato de as diferentes noções não serem exclusivas, já que são achados, nas práticas em Análise de Discurso (AD), elementos de várias delas.

Embora a literatura aponte que a expressão “análise do discurso” tem sua origem na área linguística, como se pode observar, seu desenvolvimento não se tornou patrimônio exclusivo, recebendo contribuições de outras áreas do conhecimento, tais como: Antropologia, Psicologia, Sociologia, Comunicação etc. Essa diversidade de contribuições gerou práticas muito variadas, traduzindo diferentes filiações disciplinares que foram sendo construídas. No entanto, todas adotam um denominador comum: “a consideração da análise do idioma em seu uso, seja esse falado ou escrito.” (Iñiguez, 2005, p. 107).

Sem pretender simplificar o termo, dada sua polissemia, a pesquisa limitou-se a examinar uma das noções de discurso reconhecida como sendo

uma das mais comumente utilizadas nas ciências sociais. “Discurso como conjunto de enunciados em que é possível definir as condições de sua produção.” (Iñiguez, 2005, p. 123). Surgida na escola francesa de AD, esta concepção deve muito à obra de Foucault.

Nesta concepção, o enunciado por ser entendido como uma sucessão de frases emitidas entre dois brancos semânticos “é concebido como resultado, ou seja, como algo que possui memória, pois leva consigo a marca das suas próprias condições de produção.” (Iñiguez, 2005, p. 124). Por sua vez, o discurso é concebido como o “enunciado considerado do ponto de vista do mecanismo do discursivo que o condiciona.” (p. 124).

Em consonância com Foucault (1972), Iñiguez (2005) afirma que o texto deve ser considerado como um conjunto de enunciados transcritos, produzidos no marco das instituições, a partir de posições determinadas e reveladores de condições históricas, sociais, intelectuais etc. Nesse sentido, pode-se afirmar que “não são todos os enunciados que cumprem essas condições: só aqueles que possuem valor para uma coletividade, que envolvem crenças e convicções compartilhadas. Ou seja, os textos que claramente incluem um posicionamento em uma estrutura discursiva.” (Iñiguez, 2005, p. 129).

A partir desses pressupostos decorre a própria noção de sujeito. Para Foucault (1995), quando alguém fala veiculando um discurso, o que está em questão, quanto à autoria, não é somente a subjetividade de quem fala, mas sim o lugar que se ocupa ao falar. O autor não é somente o sujeito/pessoa que fala, mas sim o sujeito e autor da enunciação, o que se refere mais particularmente ao lugar e às condições de enunciação do que à materialização das “performances verbais” que caracterizam o ato de enunciar. A partir destas considerações, nesta pesquisa nos interessou tanto o lugar e as condições de enunciação, quanto os efeitos destes enunciados nas relações de saber/poder e nos processos de subjetivação.

A escolha em trabalhar com Análise do Discurso na pesquisa decorre do reconhecimento do papel da linguagem como eixo central de compreensão e estudo dos processos sociais. O uso da AD implica reconhecer, simultaneamente, a linguagem como um indicador da realidade social e uma forma de criar essa realidade. Nesse sentido, a linguagem é vista mais como uma forma de construção do que como

uma descrição, podendo tornar-se um texto discursivo, se provocar efeitos.

Neste contexto,

Por 'efeitos' não devemos entender os 'resultados' ou as 'consequências' do discurso sobre o/a ouvinte ou o/a falante; [...] os textos podem ter efeitos independentes da percepção que uma audiência pode ter de uma mensagem: podem estar isentos, inclusive da própria intenção de quem fala. São esses últimos efeitos que interessam ao analista, já que ele se encontra diante de derivações discursivas no sentido de que são veiculados certos significados, certos sentidos, certos olhares, certas ordens do mundo ou de uma parcela do mundo etc. (Iñiguez, 2005, p. 138).

Há de se admitir, a partir da perspectiva de Iñiguez (2005), que linguagem e discurso não são a mesma coisa, pois "o discurso é a linguagem enquanto prática social determinada por estruturas sociais (as regras e/ou conjuntos de relações de transformação organizadas como propriedades dos sistemas sociais)" (p.149). Ao aceitar esta premissa, estamos aceitando também que a estrutura social determina, dessa forma, as condições de produção do discurso.

O discurso está determinado por ordens de discurso socialmente construídas. Por ordens do discurso entendemos os conjuntos de convenções associados às instituições sociais (assim, as ordens de discurso estão ideologicamente formadas por relações de poder nas instituições sociais e na sociedade como um todo). (Iñiguez, 2005, p. 149).

A partir deste posicionamento, pode-se definir que os efeitos discursivos operam em um nível superior ao individual. Assim, ao ler os textos, se devem buscar os efeitos que o material gera por si mesmo, "que não é outro senão aquele que o/a leitor/a é capaz de captar." (Iñiguez, 2005, p. 138).

Considerando a construção teórico/metodológica em AD exposta, o trabalho analítico consistiu em examinar cuidadosamente os textos, produto das falas registradas nos grupos focais e associadas às fotografias, e identificar quais seus efeitos mais conectados com a caracterização das relações de saber/poder no coletivo de trabalhadoras, destacando

a identificação dos principais efeitos em função do objeto de pesquisa.

Percurso metodológico

O investimento feito no estudo diz respeito a compreender como se caracterizam as relações de saber/poder num empreendimento inserido no movimento de economia solidária. O estudo foi desenvolvido em uma cooperativa de costureiras localizada no Oeste Catarinense. A escolha por esse empreendimento se deve ao fato de ele apresentar algumas características que o aproximam dos princípios¹ da economia solidária: envolvimento com seu entorno social, participação diária dos membros no trabalho e gestão do empreendimento, desenvolvimento e atuação das lideranças no contexto local/regional por meio dos espaços políticos do movimento de ES (fóruns, seminários, congressos etc.), geração de renda efetiva aos seus membros, atuando competitivamente no mercado de confecções do município onde este mercado está localizado. Uma de suas cooperadas exerce papel de liderança dentro do movimento, ministrando, inclusive, cursos aos demais empreendimentos envolvidos com a economia solidária, comunidade acadêmica e em outros contextos, relatando a experiência do coletivo como forma de exemplo de um empreendimento "que deu certo".

A pesquisa contemplou quatorze trabalhadoras. Suas idades variam entre dezoito e sessenta e sete anos, e a maior parte (oito) é casada. A média de anos de trabalho dedicado ao empreendimento é de seis anos, destacando-se que do total, apenas três trabalhadoras estão desde o início das atividades e duas estão há menos de um ano. A produção é realizada na sede própria do empreendimento. Com atuação há dezesseis no ramo de confecção, o trabalho volta-se especialmente à produção de uniformes para empresas e escolas. Há cinco anos desfez sua condição jurídica/legal de microempresa passando a ser registrada como cooperativa. Fundada em janeiro de 2006, a cooperativa tem

¹ Os princípios foram firmados na III Plenária Nacional de Economia Solidária. Para consultá-los basta conferir a publicação do Fórum Brasileiro de economia Solidária (2003), indicada nas referências ao final do trabalho.

como área de atuação o município no qual está localizada.

Procedimento de busca de informações

A busca de informações se deu a partir do contato direto com os sujeitos da pesquisa por meio de uma participação prolongada no ambiente laboral, que durou seis meses, com idas semanais. Pode-se afirmar que, pelo fato da pesquisa ter se baseado fundamentalmente no registro da vida diária no contexto em que ela acontece, o estudo possui cunho etnográfico. Para Sato e Souza (2001, p. 29), a etnografia se afasta “do eixo das macroanálises para as relações cotidianas que compreendem não apenas aspectos microssociais, mas que em sua face local resgatam aspectos da história particular e de sua relação com determinantes sociais e culturais que o cercam”. Este caminho possibilita, simultaneamente, o acesso às particularidades que constituem as atividades diárias das pessoas em suas relações mais amplas.

A partir de um caminho menos normatizado e mais flexível, estar no campo possibilitou não só melhor apreensão do contexto de trabalho cooperativo como o descortinar de novos direcionamentos e focalizações à pesquisa. Como é o caso, por exemplo, das definições necessárias à realização do grupo focal, uma das últimas etapas da busca de informações.

A escolha pela realização do grupo focal decorre, especialmente, por esta técnica possibilitar compreender, a partir das trocas realizadas no grupo, sentimentos, práticas cotidianas, concepções, valores que perpassam o cotidiano dos sujeitos nas suas diferenças e também no que é compartilhado (Gatti, 2005).

Ao todo, foram realizados três encontros. Estes foram guiados por temas e questões norteadoras, que fizeram parte de um roteiro preliminar de intervenção junto ao grupo focal. A definição das temáticas buscou contemplar a temporalidade presente, passada e futura, de modo a compreender como as histórias individuais se entrelaçavam com o contexto da cooperativa, em suas relações cotidianas de trabalho.

A realização dos grupos focais foi potencializada pelo uso do recurso fotográfico. Assim, antes da realização dos grupos, foi entregue às trabalhadoras

uma câmera fotográfica digital, solicitando que produzissem imagens a partir de seu cotidiano, levando em consideração na sequência das temáticas dos encontros: motivações que levaram a ingressar na cooperativa, como compreendiam o cotidiano de trabalho e, finalmente, como viam o futuro da cooperativa.

A escolha pelo recurso fotográfico se deu devido à possibilidade de proporcionar um clima aberto às discussões, quando todas teriam a oportunidade de expressar suas opiniões, enveredando pelo ângulo que quisessem em uma participação ativa. Na perspectiva de Guareschi et al. (2008, p. 16),

A fotografia é dispositivo. Olhar para o mesmo com o olhar da diferença. [...] Produzir outros olhares entorno das experiências dos sujeitos para que se impliquem nestes contextos e relações e permitam a construção de significações que circulem, estranhem, aproximem e afastem sentidos.

As informações dos grupos focais foram registradas em dois gravadores de áudio e também registradas por escrito com o auxílio de uma relatora, que manteve o foco nas expressões não verbais, nem sempre possíveis de serem captadas pelo áudio, tais como: cochichos, dispersões, olhares, expressões faciais etc. Dada a relevância das informações que emergiram nas discussões, esse material, que inclui as narrativas das trabalhadoras e registros da relatora, teve lugar de destaque nesta pesquisa, constituindo-se elemento central na análise dos resultados.

O processo de análise dos discursos

A análise dos discursos considerou a organização do material colhido na discussão dos grupos focais de forma a se obter um *corpus* detalhado e confiável do processo vivenciado pelo grupo. As anotações da relatora foram compatibilizadas na transcrição das gravações de áudio, constituindo um único material de análise. O processo de análise incluiu a escuta atenta e repetida das falas registradas, o que permitiu uma aproximação mais viva das situações. Além disso, fez-se o exercício de acompanhar as sequências das interações, as entonações de voz, expressões e gestos, interrupções, identificando-as a

partir de um sistema de codificações² criado durante o processo de escuta e transcrição dos registros dos grupos focais.

Esta dimensão microscópica da descrição enuncia um tipo de texto no qual se procede à imbricação metódica dos registros do discurso social com as interpretações que resgatam e lhes descobrem sentidos. Destacam-se nesta análise tanto opiniões majoritárias no grupo, como as que ficaram em minoria. Fizeram parte deste processo olhar aos consensos, dissensos, rupturas, descontinuidades, os silêncios. Assim, o foco recaiu sobre a conversação propriamente dita dos participantes, oferecendo um exame detalhado das interações entre eles, enriquecendo a análise.

A estratégia enunciativa buscou, pela interpretação, ir ao encontro das linhas plurais de sentido e das vozes (eventualmente) dissonantes mediante a inclusão de vinhetas que emergem como a tomada da palavra destes sujeitos, mas também mediante o relato direto dos acontecimentos em processo, episódios significativos à releitura da realidade estudada. Assim, essa produção textual visa dar visibilidade tanto às atitudes quanto aos objetos dos cenários em que elas aconteceram, tanto as palavras proferidas como os dispositivos adotados para sua enunciação.

As categorias de análise foram definidas a *posteriori*, a partir do material obtido nos grupos focais. No *corpus*, foram distinguidas as falas do moderador e da presidente. As falas das demais trabalhadoras foram entendidas como sendo um discurso coletivo, compondo um único texto, mesmo delimitando sua incursão no contexto (momento, situação em que foram ditas). Considerando os pressupostos foucaultianos, a escolha por construir um *corpus* de análise não focado nas falas dos sujeitos deu-se por entender que ela se constitui como uma das possibilidades de dessubjetivar o poder e observar o jogo/linhas de forças ali presentes. Por sua vez, a escolha por destacar as falas da presidente decorre da sua representatividade junto ao coletivo de trabalhadoras da cooperativa. Tendo em vista os pressupostos da AD, o termo representatividade é utilizado aqui, considerando a importância, o papel que essa participante tem na interação; não por suas qualidades

personais, mas sim por ter um lugar/posição de destaque no grupo.

Desse modo, a forma como se apresentam os resultados da pesquisa remete para a sequência da integração textual dos materiais (as vozes e os episódios) no sentido de tornar visíveis os nexos entre eles, de situá-los no seu contexto próprio, de torná-los portadores de uma ordem discursiva. Isto significa que a ordem dos episódios relatados, ou das vinhetas intercaladas com fragmentos extraídos do grupo focal, decorre da interpretação que se procura fazer, de modo a levar uns e outros a tomarem seus lugares como se fossem peças de um quebra-cabeça, cuja visão de conjunto só é possível à medida que seu final vai se tornando evidente.

Resultados e Discussão: A emergência das relações de saber/poder no discurso das cooperadas

A compreensão das relações de saber/poder no empreendimento estudado exigiu a análise dos processos históricos de sua constituição e de como os sujeitos foram se apropriando de sua realidade. Contexto marcado por transições, rupturas, diferentes modos de ser, trabalhar e (con)viver. Para conhecer este contexto, foi preciso romper com o estranhamento inicial entre pesquisador e participantes da pesquisa, o que se deu principalmente pelo estar “por dentro” (Laplantine, 1996), vivenciando a organização e funcionamento da cooperativa, seus conteúdos afetivos, códigos informais, menos explícitos, mas não por isso menos orientadores das vidas das trabalhadoras. “Observar, escutar e sentir”, como proposto por Sarmiento (2011, p. 155), fez inicialmente do próprio pesquisador o principal instrumento da investigação. Assim foram os primeiros achados.

Em meio a tantas prosas, caminhadas e almoços compartilhados, pouco a pouco, o pesquisador tornou-se parte da cena. Logo foi possível identificar que os motivos que atraíam as trabalhadoras para a cooperativa, bem como as expectativas em relação ao futuro delas, eram, em sua maioria, muito diferentes. Esse fator desembocava em sentimentos e relações muito variados com o cotidiano de trabalho, nem sempre compreendidos pelo coletivo. Assim, as observações possibilitaram não só conhecer e ser reconhecida no espaço, como também dar importantes direcionamentos à pesquisa, como foi o caso da realização dos grupos focais. Por meio

² Ver Apêndice A.

destes, foi possível compreender, a partir das trocas realizadas, as motivações que subsidiavam as opções, os “porquês” de determinados comportamentos, sentimentos, abrindo diferentes perspectivas diante da problemática a que foram convidados a conversar coletivamente.

As falas veiculadas nos grupos focais tiveram como disparador as imagens registradas pelas próprias trabalhadoras. Durante as semanas que seguiram, era possível perceber a implicação com a pesquisa. Muitos comentários sobre a produção das imagens e o trabalho a ser realizado com as fotografias emergiram no cotidiano de trabalho. Algumas não conheciam máquina digital, e demonstraram estar impressionadas com a possibilidade de se ver dentro de uma, depois de um simples “clic”. Era comum a curiosidade em ver a imagem registrada pela colega e saber o porquê tinha escolhido tal foco. Além do encantamento com a possibilidade de materializar certo enquadre, as narrativas fotográficas trouxeram à tona outra potencialidade da intervenção: a possibilidade de provocar novas possibilidades de ver, estabelecendo conexões, semelhanças e também subversões a partir da mesma imagem. Como forma de ilustrar este processo, a seguir são apresentados alguns dos principais resultados da pesquisa.

Em relação à história, a cooperativa emerge como um sonho, especialmente das precursoras, em constituir um “grupo de costureiras”. A presidente é, sem dúvida, a mais envolvida com este projeto, que vislumbra, sob sua ótica, novas possibilidades de relação com o trabalho. As conversas informais, realizadas pela pesquisadora muitas vezes ao pé da máquina enquanto as costureiras trabalhavam, revelaram que o ambiente laboral, desde seu início, configurou-se como espaço de sociabilidade, possibilitando às trabalhadoras dividir inquietações, trocar experiências, construir vidas conjuntas. Para muitas delas, o ingresso na cooperativa operou como um efetivo catalisador de mudanças, especialmente no que confere à visibilidade de novas possibilidades de acesso ao espaço público. Alguns relatos apontam para a superação de algumas condições ligadas ao lugar socialmente atribuído à mulher, como por exemplo as atividades de cuidado com a casa. Exemplo disso é a Ilustração 1³. Quando

uma das trabalhadoras apresentou a fotografia e o enunciado “Meu pensamento era me libertar das panelas”, foi perceptível a identificação de algumas colegas que balançavam a cabeça afirmativamente, revelando a condição similar entre elas enquanto responsáveis pelos afazeres domésticos e educação dos filhos. Porém, diferentemente do enunciado dado pela autora da fotografia, que remete ao rompimento com esta condição, as demais avaliavam positivamente o trabalho na cooperativa justamente por poder conciliar esta dupla jornada fora e dentro de casa.

De acordo com as conversas informais, a grande maioria das mulheres, antes de ingressar na cooperativa, trabalhava em empresas desenvolvendo atividades estritamente operacionais, de baixa remuneração e pouca participação na gestão. Este aspecto influencia substancialmente as expectativas de cada uma quanto à organização do trabalho na cooperativa. Ao observar o cotidiano de trabalho, é notória a dificuldade das trabalhadoras em (re)significar os conhecimentos ou uso de técnicas apreendidas em experiências anteriores para o novo contexto cooperativo.

Como é destacado no enunciado feito no grupo focal, em busca da eficiência, se reproduzem instrumentos e dispositivos do capital que disciplinam e modulam modos de trabalhar:

A gente tem que pensar assim: segunda-feira, têm 100 calças, 200, 300 calças. Vamos ver, tem [tamanhos] P, M e G. Daí estende ali [na mesa]. Dá para estender 100 panos e cortar para a semana inteira. Porque eu trabalhei em outras fábricas e cortam! Cem, cento e pouco cada vez. (C, julho 2011).

As observações no campo corroboraram a intenção explicitada na fala anterior. Para manter o empreendimento competitivo no mercado de trabalho, as cooperadas buscam produzir cada vez mais, sendo que raramente deixam de aceitar pedidos, mesmo sabendo que a entrega dos produtos dar-se-á com atraso. Para dar conta da demanda, adotam intensas jornadas, chegando a trabalhar 14 horas por dia.

Como forma de resistência, emergem novos tipos de controle sobre o trabalho. Exemplo disso é a flexibilidade nos horários, como apontado por uma das trabalhadoras durante o grupo focal: “Se trabalha bastante, °mas se descansa também° @@ Não é

³ As ilustrações indicadas no decorrer do texto estão disponíveis para consulta no Apêndice B.

como numa firma que tu vai direto, direto.” (C, jun. 2011). O descanso mencionado inclui pausas para fazer lanches, atender um familiar que chega à cooperativa, sair para resolver um problema, buscar os filhos na escola etc., como costumeiramente se pode acompanhar durante a pesquisa. A Ilustração 2, registrada por uma das trabalhadoras para a consigna “Como eu vejo o cotidiano de trabalho na cooperativa?”, mostra um desses intervalos, quando um dos familiares trouxe até a cooperativa uma panela de pinhão que serviu de lanche para o coletivo de trabalhadoras. Entende-se que a flexibilidade nos horários, relações de amizade e cooperação fazem parte de um conjunto de ações que visam novas formas de relação com o trabalho, fortalecendo os princípios da economia solidária. Neste caso, em relação à estratégia metodológica adotada, entende-se que as observações, o grupo focal e o recurso fotográfico apontaram dados que se complementam, reiterando os modos de vida, do constituir-se trabalhadora, costureira, em um empreendimento de economia solidária.

Em relação à dinâmica do trabalho, observa-se ainda que a flexibilidade nos horários não influencia na remuneração, que é feita, assim como nas empresas capitalistas, de acordo com o estabelecimento dos diferentes níveis. Para fazer a diferenciação, considera-se o desempenho individual, incluindo o ritmo e a habilidade técnica. Em alguns momentos o discurso em torno da economia solidária é utilizado para justificar e defender este modo de gestão:

Ontem estava num encontro e a gente avaliando algumas coisas e pensava *o que é ser economia solidária?* ai eu fico pensando: qual é o grau de consciência de cada um e o que significa estar aqui? Que se eu não produzi o outro tem que pagar o meu trabalho pelo que eu não produzi? Aquilo que eu sou improdutivo, não faço? (P, julho 2011).

As informações quanto ao valor pago aos diferentes níveis não aparecem de modo transparente para todas as trabalhadoras. Durante a estada no campo, várias foram as vezes em que ouvi queixas das trabalhadoras quanto ao pagamento, reclamando não entender o porquê de ter recebido tão pouco quando comparado a outras colegas. As observações legitimaram alguns lugares de saber/

poder, visivelmente identificados no cotidiano de trabalho pela centralização da tomada de decisões entre as “mais experientes”, ou seja, as que detêm maiores conhecimentos técnicos e políticos, sendo a presidente uma figura central deste cenário. Em análise a este conjunto de discursos, entende-se que tais fatos levam à relações assimétricas e ao estabelecimento de conflitos e contradições muitas vezes não explicitados coletivamente, tanto que os problemas relativos à remuneração não fizeram parte das discussões do grupo focal, nem ficaram evidentes nas fotografias. Este contexto reafirma os pressupostos foucautianos, de que os enunciados são produzidos nos marcos de suas instituições, os quais revelam posições, lugares de saber/poder, produzidos histórica e culturalmente. Assim, o que está em questão, quanto a autoria, não é somente a subjetividade de quem fala, mas sim o lugar que se ocupa ao falar ou ao silêncio que se faz. A partir destes resultados entende-se que as relações de trabalho estão envolvidas pela naturalização de algumas práticas, entre estas a manutenção de “estados de poder” que se exprimem pelas diferenças de competência, saber ou habilidade entre as trabalhadoras.

Quanto ao futuro do empreendimento, as falas no grupo focal remetem a algo que depende do grau de responsabilidade e comprometimento de cada uma delas. Contudo, mesmo reforçando a participação e implicação na gestão do trabalho, permanecem algumas contradições. De um lado, a cooperativa abre possibilidade de geração de trabalho e renda a pessoas que, possivelmente, pela idade avançada, baixa qualificação e escolaridade, estariam excluídas do mercado formal de trabalho, como foi possível constatar em análise ao perfil das trabalhadoras. Assim, para a presidente, a cooperativa deve continuar cumprindo sua função social: “Tem que trazer esperança, tem que trazer vida, novas possibilidades para mais gente”. (P, julho 2011). Porém, de outro lado, é apontada pelas trabalhadoras a necessidade de acompanhar a lógica do capital, como aparece em uma das falas:

é #Acho que, ao meu ver, o futuro da cooperativa é trabalhar mais organizado para ter mais vantagem.# Falta muita coisa para gente trabalhar como uma firma grande, mais estruturada. Como exemplo, largar tecido para cortar 100 calças de uma vez, não largar 10, 15. (C, julho 2011).

Este enunciado reflete o cenário de trabalho diário da cooperativa, no qual foi possível acompanhar a reprodução de discursos capitalistas que apontam para a necessidade de hierarquização do trabalho, levando a níveis de desigualdades no planejamento, execução e partilha dos resultados. Da mesma forma que nas empresas capitalistas, o poder do capital se sobrepõe ao trabalho, encontrando no exercício das relações de saber/poder uma forma de se concretizar enquanto prática. Tal processo é realizado num constante movimento que legitima posições e discursos como verdades, criando formas de sujeição. Como resultado, normas e disciplinas são adotadas, mantidas e atualizadas constantemente em um ordenamento social que atravessa a cooperativa por inteiro.

Os recortes feitos servem para ilustrar o trabalho analítico realizado na pesquisa, que consistiu em examinar cuidadosamente os textos, produto das falas e comportamentos registrados nos grupos focais, associadas às fotografias e registros das observações de campo. Para tanto, a seleção dos depoimentos considerou os objetivos específicos traçados para a pesquisa. Destacam-se como categorias analíticas: modos de organização e funcionamento da cooperativa; relações de saber/poder nas instâncias decisórias e nas relações cotidianas; modos de subjetivação engendrados pelos/nos jogos de saber/poder que perpassam as relações construídas na dinâmica do trabalho.

A partir desta estratégia, os dados foram articulados aos referenciais teóricos, que serviram de embasamento a uma (re)leitura do *corpus* de análise. Por meio dela, novas reflexões foram possíveis. Dentre as principais, destaca-se o entendimento de que o trabalho cooperativo como proposta da emergência de novos processos de subjetivação deve considerar, entre outros aspectos, novos modos de estruturação da organização do trabalho, o que inclui a tomada de decisões coletiva de modo democrático e igualitário e a adoção de novas tecnologias sociais, compreendidas como ferramentas gerenciais e estratégicas adaptadas aos objetivos do empreendimento e condizentes com os princípios da ES. Somente a partir disso é que seria possível pensar um pleno exercício do planejamento e controle coletivo das atividades. A não efetivação desta prática pode levar a manutenção e o reforço de relações

de saber/poder cada vez mais rígidas e assimétricas entre as trabalhadoras.

A realização da pesquisa constitui-se como um importante instrumento de problematização das práticas cotidianas na medida em que possibilitou o diálogo aberto sobre determinadas questões. De modo especial, a realização dos grupos focais foi reconhecida pelas trabalhadoras como um encontro que se fazia necessário:

Esse momento constrói elos, pois são momento que a gente olha para os outros mais do que no trabalho do dia a dia. Aqui são ditas coisas que vão além do dia a dia. (3) São momentos que a gente olha mais para o outro. Sabe do sentimento do outro. Acho que é o momento do compreender. °Acho que é isso°: compreender mais o outro. (C, jul. 2011).

Entende-se que o potencial dos encontros revelou-se não só pela abertura de um canal de reflexão, mas pelas mudanças ali vislumbradas e concretizadas na gestão e nas relações de trabalho. Podemos citar como exemplo a ampliação dos benefícios sociais, acordado pelas trabalhadoras quando adotaram a remuneração dos dias de afastamento do trabalho por problemas de saúde.

Nesse processo, a utilização do recurso fotográfico trouxe importantes contribuições ao estudo. Dentre as principais, cabe destacar o próprio ato de fotografar. A produção imagética foi movida por escolhas de objetos específicos (pessoas, locais etc.), que num enquadramento puderam reportar elementos significativos do trabalho. Pela narrativa fotográfica foi possível conhecer e aprofundar um conjunto de elementos relacionados ao cotidiano da experiência estudada, dando visibilidade a aspectos costumeiramente esquecidos pela intensa dinâmica laboral e talvez não passíveis de serem apreendidos por meio de outros métodos. Além disso, abriu espaço às trabalhadoras para o movimento de trazer à tona enunciados antes não veiculados no coletivo devido, especialmente, ao modo como foram construídas as relações de saber/poder trabalho. Assim, elementos que compunham o cotidiano e as reflexões das trabalhadoras, mas só podiam se expressar em algumas conversas com as colegas mais íntimas ou com a pesquisadora, puderam

ser expressos coletivamente, reiterados, confrontados, desnudados.

Considerações finais

Falar de estratégias de investigação remete, obrigatoriamente, a voltar o olhar para a trajetória percorrida durante a pesquisa, tratando, portanto, de reflexões sobre o método. Para Sarmiento (2011, p. 154), o método não garante a apreensão dos fatos da vida, mas é o “roteiro que reconduz à certeza da possibilidade de um caminho nessa busca, no meio da incerteza e da ambiguidade”. Definir o estudo por estas trilhas significa reconhecer a historicidade dos critérios e de que toda e qualquer produção sempre será aproximada e construída, com toda relatividade que o dinamismo social apresenta.

Este aspecto remete à ideia de que o trabalho intelectual produz sentido não apenas para o pesquisador, mas também para os sujeitos que lhe dão intencionalidade, interpretando as ações e construções decorrentes deste processo. Assim, os processos de produção do conhecimento veiculam interesses e visões de mundo historicamente construídas. Este fato desperta para a relação entre os sujeitos pesquisador e pesquisado, exigindo do primeiro manter a crítica não só das condições de compreensão de seu objeto, como também de seus próprios instrumentais teórico-metodológicos.

Compreender como se caracterizam as relações de saber/poder num empreendimento inserido no movimento de economia solidária constituiu-se como objetivo geral da pesquisa. Com vistas a atendê-lo, foi preciso vasculhar os meandros das relações destas trabalhadoras em seu cotidiano de trabalho, repleto de experiências simultaneamente produtoras e efeitos da atividade humana criadora e afetiva, interpretadas e reinterpretadas pelos sujeitos que a vivem.

No percurso da investigação, um conjunto de ferramentas teórico/metodológicos foram agregadas, construídas e reconstruídas, possibilitando extrapolar ideias prévias e dar suporte para novas inferências sobre o mesmo objeto. Neste ínterim, foi importante o período inicial de observação e convívio prolongado da pesquisadora com as cooperadas, que permitiu não apenas o levantamento de informações relevantes, mas também o estabelecimento de uma relação de confiança. Essa vinculação

facilitou o planejamento e o desenvolvimento dos grupos focais, desde a solicitação para a produção das fotografias, os desdobramentos implicados na produção das imagens e até as discussões efetivadas em cada um dos encontros realizados.

O recurso fotográfico constituiu-se como um valioso instrumento de pesquisa, possibilitando outros olhares, singulares, a uma história partilhada. A fotografia funcionou como um dispositivo capaz de aproximar do objeto contribuindo para expressar os modos de subjetivação que se acoplam às relações, os quais nem sempre se encontram visibilizados pela rotina de trabalho. Os momentos de encontro coletivo, fomentados pela realização dos grupos focais, construíram uma base para compreender diferentes formas de pensar, intenções e expectativas das costureiras em face da organização e funcionamento da cooperativa. As trocas estabelecidas nesses encontros provocaram reassesuramentos mútuos, como também dissensos que trazem à luz diferentes projetos, individuais e coletivos, quanto ao trabalho cooperativo.

A organização das informações, compatibilizando a transcrição das gravações de áudio, registro imagético e as anotações da relatora, permitiu compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de seu acontecimento, determinando suas condições de sua existência, fixando seus limites e suas correlações com os outros enunciados. O exame detalhado da interação dessas diferentes fontes de informação, facilitado pela criação do sistema de codificações, deu visibilidade tanto às atitudes quanto aos objetos dos cenários em que aconteceram, tanto em relação às palavras que foram proferidas como aos dispositivos adotados para sua enunciação.

Nesse sentido, foi possível identificar posições, estados de saber/poder determinados e reveladores de condições históricas, sociais, intelectuais etc. das trabalhadoras e, simultaneamente, produtores de efeitos nas relações e nos processos de subjetivação. Ganhou visibilidade na análise o emaranhado de situações próprias da dinâmica laboral do trabalho cooperativo. Modos de ser, fazer e conviver que vinculam formas de sujeição, disciplinarização dos corpos, normatização do sujeito, criação, laços afetivos, solidários, jogos de força, contradições, conflitos, resistências. Enfim, um entrelaçamento de relações imprecisas e tênues construídas numa espécie de vaivém incessante.

Este texto teve como objetivo apresentar o caminho metodológico empreendido como estratégia de investigação. O modo de condução da pesquisa possibilitou apreender as relações cotidianas de trabalho como um instrumento político capaz de, no seu exercício de saber/poder, operar no processo de (re) construção do sujeito e da sua subjetividade. Compor este cenário trouxe descobertas que, se não fosse pela via do contato direto e interativo, não seriam possíveis. Entendemos que o potencial do estudo não se revela pela utilização de diferentes instrumentos na busca de informações, mas sim pela sensibilidade quanto ao uso e articulação deles, respeitando o processo grupal dos participantes e seu investimento na pesquisa.

Referências

- Antunes, R. (2007). *Os sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho* (9a. ed.) São Paulo: Boitempo.
- C. Coletivo de trabalhadoras. (2011, 25 de maio). *Grupo focal*. Gravação sonora. (123 min.). Chapecó/SC.
- C. Coletivo de trabalhadoras. (2011, 9 de junho). *Grupo focal*. Gravação sonora. (115 min.). Chapecó/SC.
- C. Coletivo de trabalhadoras. (2011, 14 de julho). *Grupo focal*. Gravação sonora. (98min.). Chapecó/SC.
- Coutinho, M. C. (2006). *Participação no trabalho*. (Coleção Trabalho Humano). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dal Magro, M. P. & Coutinho, M. C. (2008). Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em "empreendimentos solidários". *Psicologia em Estudo*, 13(4), 703-711. Recuperado em 10 de maio de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000400008&script=sci_arttext.
- Fórum Brasileiro de economia Solidária, Secretaria Executiva Nacional (2003). *Carta de princípios da Economia Solidária*. III Plenária Nacional de Economia Solidária. Brasília, DF. Recuperado em 02 de junho de 2013, de http://www.fb.es.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=63&Itemid=60.
- Foucault, M. (1972). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1995). O sujeito e o poder. In H. Dreyfus & P. Rabinow. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. (V. P. Carrero, trad.) (pp. 231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. (Série Pesquisa em Educação, 10). Brasília: Líber Livro Editora.
- Girelli, S. (2012). *Entre "desabrochar para o mundo" e "produzir mais e melhor": relações de saber/poder em uma cooperativa de costureiras*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Guareschi, N. M. F., Rocha, B. M., Stock, B.S., Ecker, D. D., Leães, M. L. & Redin, M. M. (2008). Fotografia: uma intervenção do olhar. In N.M.F. Guareschi, B. M. Rocha, B. S. Stock, D.D. Ecker, M. L. Leães & M. M. Redin. *Olhar vidas: a fotografia em uma pesquisa-intervenção* (pp. 13-23). Porto Alegre: Zouk.
- Iñiguez, L. (2005). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. (2a ed.). (V. L. Joscelyne, trad.). Petrópolis: Vozes.
- Laplantine, F. (1996). *Aprender antropologia* (9a. ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Lourenço, M. L. (2008). *Cooperativismo e subjetividade: um estudo das dimensões da autogestão, do tempo e da cultura solidária*. Curitiba: Juruá.
- Lourenço, M. L. (2010). O tempo de trabalho em sua dimensão subjetiva. *Psicologia USP*, 21(1), 199-215.
- Oliveira, F. de. (2007). Os sentidos do cooperativismo de trabalho: as cooperativas de mão de obra à luz da vivência dos trabalhadores. *Psicologia & Sociedade*, 19(especial), 75-83. Recuperado em 12 de maio de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400011
- P. Presidente da cooperativa. (2011, 25 de maio). *Grupo focal*. Gravação sonora. (113 min.). Chapecó/SC.
- P. Presidente da cooperativa. (2011, 14 de julho). *Grupo focal*. Gravação sonora. (98min.). Chapecó/SC.
- Santos, B. de S. & Rodríguez, C. (2002). Para ampliar o cânone da produção. In B. de S. Santos (Org.). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista* (pp. 23-64). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Sarmento, M. J. (2011). O estudo de caso etnográfico em educação. In N. Zago, M. P. de Carvalho, M. & R. A. T. Vilela (Orgs.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação* (2a ed.) (pp. 137-179). Rio de Janeiro: Lamparina.

Sato, L. & Souza, M. P. R. de (2001). Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia USP*, 12(2), 29-47. Recuperado em 15 de abril de 2012, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200003&script=sci_arttext.

Singer, P. (2002). *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Apêndices

Apêndice A - Códigos utilizados na transcrição do grupo focal

- C abreviação para fala do coletivo
- P abreviação para fala da presidente
- , pequena pausa, inferior a um segundo
- . pausa de 1 a 3 segundos

(4) o número entre parênteses expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos)

[**exemplo**] palavras entre colchetes representam observações/esclarecimentos do moderador

? ponto de interrogação – utilizado para indicar uma pergunta

! ponto de exclamação - utilizado para exclamação

** palavra entre asteriscos - utilizada para referir-se a uma fala dita em momento anterior a realização do grupo ou pensamento do próprio autor da fala

ẽ utilizado para marcar falas iniciadas antes da conclusão da fala de outra pessoa

exe::mplo pronúncia da palavra foi esticada (a quantidade de : equivale ao tempo da pronúncia de determinada letra)

exemplo palavras pronunciadas de forma enfática são sublinhadas

°**exemplo**° palavras ou frases pronunciadas em voz baixa são colocadas entre pequenos círculos

@@ risos depois da fala. O número refere-se ao tempo de duração, em segundos.

trecho de fala envolvido por conversas paralelas

[...] reticências entre colchetes que parte da fala foi suprimida

Apêndice B – Ilustrações



Ilustração 1 - "Meu pensamento era me libertar das panelas" (C, 25 de maio de 2011)



Ilustração 2 - Momento de lanche coletivo - “[...] na farra, na festa” (C, 9 de junho de 2011).